

Recebido em: 08/04/2022
Aprovado em: 24/08/2022
Publicado em: 30/09/2022

[TRADUÇÃO]

PSYCHOANALYSE UND PHILOSOPHIE

eine Erwiderung auf die Kritik von Dr. Theodor Reik

Por

*James J. Putnam (Boston)*¹

Tradução e notas

*Guilherme Germer*²

(guilhermeguita@gmail.com)

*Caio Padovan*³

(caiopadovanss@gmail.com)

NOTA INTRODUTÓRIA

Caio Padovan

*Weiny César Freitas Pinto*⁴

(weiny.freitas@ufms.br)

O presente artigo foi publicado por James Jackson Putnam em 1913, no *Zentralblatt für Psychoanalyse und Psychotherapie*, alguns meses após a publicação da resenha crítica de Reik sobre a conferência de Putnam intitulada *Sobre a importância da formação e das perspectivas filosóficas para o desenvolvimento futuro do movimento psicanalítico*. Para mais informações

¹ Originalmente publicado em: PUTNAM, J. J. *Psychoanalyse und Philosophie. Eine Erwiderung auf die Kritik von Dr. Otto Reik. Zentralblatt für Psychoanalyse und Psychotherapie*, v. 3, n. 6-7, p. 265-269, 1913.

² Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9731890269292935>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3173-6750>.

³ Professor colaborador de Psicologia clínica na *Université Paul Valéry*, Montpellier 3, e pesquisador vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5546489394122208>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6397-6631>.

⁴ Professor Doutor do curso de Filosofia e de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1411304686102041>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7101-9150>.



a respeito da conferência de Putnam, ver Freitas Pinto e Padovan (2019)⁵. Escrita originalmente em alemão, apresentamos aqui ao leitor a primeira versão brasileira da resposta de Putnam a Reik. Não temos notícia de outras traduções desse material para qualquer outro idioma. Trata-se, portanto, de um trabalho pioneiro, que encerra uma sequência de traduções e publicações realizadas por nós, dirigidas a textos que compõem o primeiro grande debate entre filosofia e psicanálise no interior do movimento psicanalítico⁶. Nosso próximo passo é integrar o conjunto desses textos, aprofundando a reflexão sobre a sua importância histórica e filosófica, e ampliar o debate, apresentando outros autores que se debruçaram sobre o tema, no mesmo período, discussões acerca da relação entre psicanálise e filosofia.

⁵ Cf. FREITAS PINTO, W. C.; PADOVAN, C. James J. Putnam e as origens do diálogo entre filosofia e psicanálise: Apresentação, tradução e notas de um apelo para o estudo de métodos filosóficos na preparação para o trabalho psicanalítico (1911). *Modernos & Contemporâneos – International Journal of Philosophy*, v. 3, n. 6, p. 305-316, 2019.

⁶ Além da tradução já referenciada acima, relativa ao seu artigo de 1911, foram também publicadas em língua portuguesa a réplica de Ferenczi e a réplica de Putnam. Cf. PADOVAN, C. GERMER, G. Filosofia e psicanálise (considerações sobre um artigo do Sr. Professor Dr. James J. Putnam da Universidade de Harvard, Boston, EUA), *Eleuthería*, v. 6, n. 10, p. 345-358, 2021; PADOVAN, C. GERMER, G. Resposta à réplica do Senhor Dr. Ferenczi. *Eleuthería*, n. 6 (Especial), p. 398-405, 2021.

PSICANÁLISE E FILOSOFIA
uma resposta à crítica do Dr. Theodor Reik⁷

Por

James J. Putnam (Boston)

[Tradução e notas: Guilherme Germer e Caio Padovan]

Mesmo que com um pequeno atraso, seria ainda possível reivindicar um espaço no *Zentralblatt* para explicar, um pouco mais, o objetivo da minha conferência realizada no Congresso de Weimar, em 1911, conferência que o Sr. Dr. *Theodor Reik* teve a bondade de debater no número de outubro?

Espero que o senhor expositor me desculpe por também dizer aqui que, depois da leitura de sua recensão, estou ainda mais profundamente convencido do direito e valor prático de meus argumentos. Eu também queria, por outro lado, admitir que ficou claro para mim mesmo que não fui capaz de gerar em meus colegas psicanalistas o mesmo sentimento que me impeliu a realizar essa palestra.

Há, principalmente, quatro elementos que eu procurei defender.

Em primeiro lugar, afirmei que quando os psicanalistas saem do estreito círculo do trabalho puramente terapêutico (como eles, de fato, muitas vezes fizeram, precipitando-se como conhecedores da alma), deles se deveria exigir, para que se faça justiça à ciência e a si próprios, que estudem cuidadosa e amistosamente todos os demais métodos de interpretação através dos quais as ações e as motivações humanas normais [*Motive normaler Menschen*]⁸ têm sido explicadas até aqui. Isso vale, antes de tudo, para os métodos de interpretação filosóficos, que deveriam ser de especial interesse a todos os psicanalistas, e precisamente, por causa de sua sutileza e relevância.

⁷ Resenha do Dr. Reik sobre o trabalho de Putnam: “Sobre a importância da formação e das perspectivas filosóficas para o desenvolvimento futuro do movimento psicanalítico”, publicado no primeiro número do terceiro volume do *Zentralblatt für Psychoanalyse*. [Nota dos tradutores (N.T). “Dr. Otto Reik”, no original. Corrigimos o erro de grafia na tradução incluindo o primeiro nome de Reik, “Theodor”.

⁸ [N.T. A questão das “motivações humanas normais” será desenvolvida por Putnam dois anos mais tarde em uma obra de divulgação científica intitulada *Motivações humanas*. Dois dos seis capítulos que compõem este trabalho abordarão diretamente questões psicanalíticas. Cf. PUTNAM, J. J. *Human motives*. Boston: Little, Brown, and Company, 1915].

O estudo da filosofia e da metafísica foi tão indevidamente negligenciado pelos cientistas naturais nos últimos cinquenta anos que, muitos, têm ainda hoje a convicção de que essas tentativas de interpretação da vida humana não podem trazer à luz nada de essencial. Isso, porém, é um grave erro. Minha opinião é a de que, justamente, os psicanalistas seriam capazes de trazer um material precioso para reabilitar a reputação da filosofia e da metafísica entre médicos e naturalistas; [pois] lhes foi possível, graças à sua perspicácia, descobrir muitas nuances da atividade espiritual, que os outros pesquisadores até agora eludiram.

É certo, no entanto, que a postura dos psicanalistas que levantam de maneira otimista a bandeira da “verdade total” não seria nem científica, nem digna, uma vez que se permitem continuamente adentrar o domínio da filosofia sem fazer justiça à própria filosofia. Assim, a escolha dos sistemas [filosóficos] é atribuída “parcialmente” à ação do inconsciente dos diversos filósofos; mas não deveríamos permanecer no escuro, e por tanto tempo, sobre *em que medida* essa ação do inconsciente é vista como responsável pela escolha do sistema. A proposta de substituir a palavra e o conceito de “metafísica” por “metapsicologia” também é de grande importância; gostaríamos, no entanto, de saber se desse modo se entende que a filosofia e a metafísica devem ser antes de tudo vistas como manifestações [*Erscheinungen*] de origem biogenética.

Eu reconheço de bom grado que, enquanto a psicanálise dava os seus primeiros passos, seus partidários não estavam obrigados ou comprometidos a serem completamente justos em relação à sua rival filosofia e a reconhecê-la. Minha crítica não se endereça, portanto, de modo algum, ao fato de que *até agora* as reivindicações da filosofia não foram consideradas. Contudo, como diz o título de minha conferência, espero que chegue o dia em que se considere benéfico estudar as atividades espirituais não apenas do ponto de vista biogenético, mas também filosófico. O fato de se ter até agora hesitado é, segundo minha visão, baseado em uma resistência, ou seja, em um preconceito infundado. Acreditava-se e ainda se acredita que, se as ciências naturais são exatas, e seus procedimentos confiáveis, isso não poderia ser admitido no caso da metafísica. Essa é uma conclusão muito deficiente. A causa dessa opinião repousa no fato de que a metafísica é uma ciência demasiado complexa, que exige, junto a uma grande clareza de pensamento lógico, uma capacidade especial de penetração nos processos anímicos, bem como uma formação particular. Poderíamos afirmar a mesma coisa, como todos nós sabemos, da própria psicanálise, o que explica facilmente o lamentável desdém que persiste ainda hoje também em relação a esta.

Meu segundo ponto foi de que todo o tratamento psicanalítico é “*uma etapa de um processo educacional*”, e aponta, necessariamente, para algum tipo de “sublimação”

como seu objetivo final e ideal. Essa sublimação talvez não seja sempre perseguida pelo psicanalista. Existem pouquíssimos casos em que a vontade, ou as ideias morais, ou a consciência social [*soziale Bewusstsein*]⁹ do paciente não sejam exigidas em um certo grau, por vezes particularmente elevado. O psicanalista, em seu papel de educador, deveria, portanto, ser íntimo de todas as fontes de ideias e impulsos morais, mesmo que ele não comunique esse saber de modo sistemático ao paciente. Quando temos a certeza de conhecer as fontes de nossas ideias morais, então, essa certeza contribuirá, substancialmente, na determinação da direção de nossos processos sublimatórios. Nenhuma sublimação, porém, pode ser completa, se não se estudam os fatos que compõem a sua base. Todo procedimento distinto (agnóstico) reconduz àquele individualismo e infantilismo terríveis do assim chamado período “científico”¹⁰, de cuja grande estreiteza felizmente nos livramos, e precisamente agora¹¹. Os psicanalistas aplicam um grande

⁹ [N. T. O conceito correspondente em inglês, *social consciousness*, foi bastante debatido na filosofia norte-americana, em especial pelo pragmatismo, com o qual Putnam provavelmente teve contato por ser-lhe contemporâneo e conterrâneo. Em seus textos inéditos, Charles Peirce fala tanto de uma “consciência social, ou o sentimento de simpatia em relação ao outro” (PEIRCE, C. *The Collected papers of Charles Peirce*, IV – Consciousness, §2, Forms of consciousness, 7.540); quanto de uma consciência social distinta da carnal, e “pela qual o espírito de um homem é incorporado em outros, e que continua a viver e respirar e ter o seu ser muito mais longo (*longer*) do que os observadores superficiais imaginam” (Idem, §5, 7.575). James Tufts, em *Creative intelligence – essays in the pragmatic attitude* (1917), publicado quatro anos após o presente artigo, defendeu que a “consciência social [...] não foi trabalhada nos tempos de Kant como por autores recentes” (TUFTS, H. *The moral life and the construction of values and standards*. In: DEWEY, J. (Org.). *Creative intelligence*, New York: Henry Holt and Company, 1917, p. 363). E a definiu como “a atitude [...] de ir junto (*along*) ao outro, e assim, estender e enriquecer nossas experiências. Entramos em suas ideias, nos alinhamos à sua imaginação, nos acendemos com seus entusiasmos, nos simpatizamos com suas alegrias ou tristezas [...] Se ‘o lar é o lugar onde, quando você deve ir até ele, ele deve te acolher’, como diz Frost, um amigo é aquele que, quando você vai a seu encontro, ele irá te aceitar” (Idem, p. 377)

¹⁰ Putnam parece opor-se, aqui, à “lei geral do desenvolvimento do espírito humano” (COMTE, A. *Curso de filosofia positivista*. In: CIVITA, V. (Org.). Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, v. 33, 1973, p. 13), defendida por Augusto Comte em *Curso de filosofia positivista* (1830). Essa lei foi citada por Freud em *Totem e tabu* (1913), e seus colaboradores próximos pareciam simpatizar com esta. Trata-se da seguinte teoria: para Comte, o desenvolvimento da inteligência humana atravessa três fases principais: a teológica, a metafísica e a científica. Essa última supera as duas anteriores, tidas por “primitivas”, por usar o método positivo no filosofar, fundado no reconhecimento da “impossibilidade de obter noções absolutas” e de se “conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude” (Idem). Essa teoria também engloba um otimismo prático que Putnam associa, aqui, ao infantilismo: Comte cria que o desenvolvimento científico-positivista seria necessariamente acompanhado de uma evolução política, social e moral da humanidade, a qual só poderia ser alcançada por aquele caminho. Em suas palavras: “A grande crise política e moral das sociedades atuais provém, em última análise, da anarquia intelectual” (Idem, p. 23). “A razão pública deve encontrar-se implicitamente disposta a acolher atualmente o espírito positivo como a única base possível para uma verdadeira resolução da profunda anarquia intelectual e moral, que caracteriza sobremaneira a grande crise moderna” (COMTE, A. *Discurso sobre o espírito positivo*. In: CIVITA, V. (Org.). Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, v. 33, 1973, p. 74). “Completando a vasta operação intelectual iniciada por Bacon, por Descartes e por Galileu, construíamos diretamente o sistema de ideias gerais que esta filosofia, de agora em diante, está destinada a fazer prevalecer na espécie humana, e a crise revolucionária, que atormenta os povos civilizados, estará essencialmente terminada” (COMTE, 1974a, p. 25).

¹¹ [N. T. Curiosamente, o mesmo Friedrich Nietzsche que Theodor Reik utilizou, em seu texto, para defender a importância da emancipação da ciência da psicanálise perante a metafísica, pode ser citado entre os autores

cuidado ao estudo dos aspectos dos instintos [*Triebe*], e rastreiam as pegadas de suas influências. Contudo, eles só se ocupam de modo insuficiente da origem dos instintos, e sobretudo da origem e natureza dos processos espirituais.

Entre os homens formados nas ciências naturais, parece existir a ideia geral de que a mente resulta de uma evolução puramente física, que começou com o caos. De acordo com essa doutrina, não se exigirá dos homens, segundo sua determinação e origem, nenhum reconhecimento [*Anerkennung*] de uma responsabilidade moral superior. Por esses homens, a

que encabeçam essa tendência aludida por Putnam de crítica à estreiteza de uma fé infantil e exagerada na ciência: “É ainda uma fé metafísica, aquela sobre a qual repousa a nossa fé na ciência” (NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. III, 1998, §24, p. 139-140). Assim como o sacerdote ascético acredita ter encontrado o único método de apreensão da essência das coisas, Nietzsche afirma que a ciência também faz isso, ao recusar qualquer traço de interpretação e subjetividade em sua busca de uma verdade puramente objetiva e factual: “Mas o que força a isto, a incondicional vontade de verdade, é a fé no próprio ideal ascético [...] — é a fé em um valor metafísico, um valor em si da verdade, tal como somente esse ideal garante e avaliza [...] Não existe, a rigor, uma ciência ‘sem pressupostos’ [...] deve haver antes uma filosofia, uma ‘fé’, para que a ciência dela extraia uma direção, um sentido, um limite, um método, um direito à existência. (Quem entende o contrário, quem, por exemplo, se dispõe a colocar a filosofia ‘sobre base estritamente científica’, precisa antes colocar não só a filosofia, mas também a verdade de cabeça para baixo” (Idem). Ou seja, ao se crer capaz de despir-se de qualquer fundação ou orientação externa, como a filosófica, a ciência se apresenta como uma nova religião, mais refinada, é verdade, mas, analogamente, acredita no valor absoluto (e, portanto, metafísico) de sua própria verdade e metodologia. Daí a semelhança externa entre o cientista e o sacerdote ascético: “Também do ponto de vista fisiológico, a ciência pisa no mesmo chão que o ideal ascético: um certo empobrecimento da vida é o pressuposto, em um caso como no outro — as emoções tornadas frias, o ritmo tornado lento, a dialética no lugar do instinto, a seriedade impressa nos rostos e nos gestos” (Idem, III, §25, p. 141). Em um texto anterior, Nietzsche também precisa que o homem objetivo, “no qual o instinto científico vem a florir por inteiro”, priva-se de toda personalidade, filosofia e finalidade, e desse modo, torna-se um simples espelho ou escravo: “Habitado a submeter-se ao que quer ser conhecido, sem outro prazer que o dado pelo conhecer, ‘espelhar’ [...] Sua alma-espelho, que eternamente se alisa, já não sabe afirmar, nem sabe negar; ele não comanda [...] tampouco é um homem-modelo; a ninguém precede nem sucede; colocando-se muito a distância, não tem motivos para tomar partido entre o bem e o mal [...] Ele é um instrumento, algo como um escravo [...] Um homem sem conteúdo e substância, um homem ‘sem si’” (NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005, §207, p. 97-98). Nietzsche opõe a essa ideia de uma ciência puramente factual e objetiva, sem filosofia e ideal, o perspectivismo do conhecimento: “Existe apenas uma visão perspectiva, apenas um ‘conhecer’ perspectivo; e quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso ‘conceito’ dela, nossa ‘objetividade’” (NIETZSCHE, 1998, III, §12, p. 108). O apelo de Putnam a um trabalho em conjunto da filosofia e psicanálise retoma significativamente o perspectivismo nietzschiano. Quanto ao individualismo da concepção científica criticada por Putnam, ele também foi alvo da crítica de seu contemporâneo John Dewey. Para ele, “As ciências criaram novas artes industriais. O domínio físico das energias naturais do homem foi multiplicado indefinidamente [...]. Porém, um pequeno grupo de pessoas é suficientemente otimista para declarar que um comando similar das forças que controlam o bem-estar social e moral do homem foi alcançado [...]. Não apenas a evolução do método de conhecimento permaneceu muito limitado aos assuntos econômicos e físicos, como que o progresso também trouxe consigo distúrbios morais novos e sérios” (DEWEY, J. *Reconstruction in philosophy*. New York: Henry Holt and Company, 1920, p. 125). Há uma necessidade, portanto, de uma “reconciliação das atitudes da ciência prática e da apreciação estética e contemplativa”, liderada pela filosofia. Sem essa conciliação, ou seremos “vítimas de forças naturais” avassaladoras (enfrentadas pela técnica), ou nos tornaremos “uma raça de monstros econômicos” (Idem, p. 127), individualistas, entediados ou extravagantes (combatido pela filosofia). Somente o último pode guiar o saber científico para além da condição de ser um mero “catálogo dos fatos particulares descobertos sobre o mundo” (DEWEY, J. (1916). *Educação e democracia*. Tradução de G. Rangel e A. Teixeira. São Paulo: Ed. Nacional. 1979, p. 357), e situá-lo na construção de “uma atitude geral para com este”, orientada à “continuidade social da vida” (Idem, p. 2).

ética se reduziria ao nível de um utilitarismo puro e estreito. Essa doutrina se transformou diretamente em uma visão geral, que, porém, pode ser defendida apenas com grandes dificuldades. Mas ela é incontestavelmente o resultado lógico da superstição existente de que se poderia explicar tudo com o auxílio do método biogenético.

O estudo da metafísica e dos pressupostos necessários da filosofia não são meras frases sem alcance prático. Quem acredita nisso precisa apenas considerar o frontispício do “*Studies in Hegelian Cosmology*” de McTaggart e ler o prefácio do livro¹². A metafísica superior é difícil de conceber, mas, segundo minha visão, os princípios fundamentais dessa ciência consistem, inerentemente, em um patrimônio comum de todos os homens tidos por normais.

A afirmação de Abraham, que diz em seu admirável “Sonho e mito” (p. 67): “Assim como a criança não vem ao mundo com uma ética altruísta, tampouco é de se aceitar que os homens dos tempos pré-históricos portem em si ideias religiosas ou filosóficas, as quais se simbolizaram posteriormente nos mitos” não me parece especialmente iluminadora¹³. Como se deve explicar que a filosofia tenha sido trazida à existência, se os seus germes já não existissem nas mentes saudáveis dos homens pré-históricos, ou dormissem como disposições naturais no espírito de cada recém-nascido? O mesmo vale, naturalmente, para toda forma de ciência. Nenhuma evolução caminha em linha reta, mas se manifesta em círculos e espirais. Em cada broto está a coroa da árvore e das próximas sementes por virem, e a realização de cada espírito pressupõe que o espírito já exista como seu precursor. O espírito, portanto, deve ter sido o início de todo universo. A carência do método biogenético, como de todo método de explicação, repousa, destarte, no fato de que ele não estuda um exemplo real de evolução como um todo, mas sempre e somente uma curta etapa deste.

O espírito de todo homem, mesmo nas formas mais primitivas, deve, além disso, ser criado de acordo com o mesmo plano do espírito universal, cujas reações internas, conseqüentemente, são dignas de estudo.

Meu terceiro ponto foi, em sua essência, de que hoje não se arriba mais na pergunta de se os psicanalistas deveriam usar “intuições gerais” [*Allgemeine Anschauungen*], pois eles já as

¹² [N.T. Referência do autor à obra: McTAGGART, J. *Studies in Hegelian Cosmology*. Cambridge: University Press, 1901. John McTaggart (1866-1925) foi um filósofo idealista britânico, importante representante do pensamento de Hegel na Inglaterra. Ao consultar a obra citada, não encontramos nenhuma informação a este respeito, nem no frontispício, nem no prefácio, comentados por Putnam. Talvez o psicanalista estadunidense estivesse se referindo à introdução do livro, na qual McTaggart discute a noção cosmologia do ponto de vista hegeliano].

¹³ [N.T. Referência à obra: ABRAHAM, K. *Traum und Mythos. Eine Studie zur Völkerpsychologie*. Leipzig und Wien: Franz Deuticke, 1909. A mesma passagem de Karl Abraham já havia sido evocada por Putnam, também em tom crítico, em sua resposta a Ferenczi. Ver a versão por nós traduzida deste texto em: PUTNAM, J. J. Resposta à réplica do senhor Dr. Ferenczi. *Eleuthería*, v. 6, número especial, p. 398-405, p. 401, 2021].

usam, por mais que queiram relutar tanto contra isso, e inclusive mais do que deveriam. Assim, por exemplo, o Dr. Reik me caracteriza como um monista (espiritual), e convoca a autoridade de Kant para a discussão, para apresentar as minhas intuições como indefensáveis. Aqui, porém, é um caso de: ou isso ou aquilo. Se o Dr. Reik discorda das minhas ideias, ele deve, necessariamente, aceitar outras como melhores. Ele é, portanto, dualista? E está realmente preparado para defender a impossível doutrina dualista? Ele negaria que um pensador talvez ainda maior do que Kant (Hegel) nos conferiu boas provas (que deveriam interessar diretamente a nós psicanalistas) de que as afirmações do pensador de Königsberg sobre a questão acima foram fundadas de modo muito insuficiente? Ou o senhor expositor rejeita, de algum modo, o princípio dualista; e aceita, em contrapartida, a doutrina de um monismo material, embora precise de suas habilidades espirituais para provar que os fenômenos psíquicos, em sua esfera de ação e por meio das habilidades evolutivas, são subordinados aos fenômenos físicos e podem ser a eles reduzidos? Isso, porém, seria uma afirmação bem grave, e que representa, segundo minha visão, uma perspectiva que não poderá ser defendida.

Meu quarto ponto é que nenhuma atividade espiritual depende apenas da experiência. É possível que cada ação espiritual guarde da experiência certa tonalidade, quer dizer, que ela não possa, em condições normais, desfazer-se de todos os elementos da experiência. Mas existe uma porção de pressupostos necessários que opera silenciosamente no espírito de todo homem, acompanhando cada pensamento, e que, por isso, não nos chegam por meio da experiência. Ninguém “experimenta”, por exemplo, o “movimento” enquanto tal ou a causalidade enquanto tal, mas somente seus resultados. Portanto, esses conceitos nos remetem a capacidades analisáveis e reais do espírito, que foram estudadas zelosamente por homens habilitados. Graças a eles, uma miríade de fatos importantes foi trazida à luz, e que nós, pesquisadores do campo da atividade espiritual e de seus símbolos, não podemos ignorar. Alguns desses fatos, foram mencionados em minha palestra, outros; eu relatei em meu segundo artigo na revista “*Imago*” (n. 5)¹⁴ (todos eles naturalmente podem ser encontrados na literatura filosófica). Eu também chamei a atenção ao fato de que esse tipo de atividade do espírito, por meio dos quais aqueles “pressupostos” são reconhecidos, tem o seu próprio meio de expressão simbólica, que nós deveríamos limitar em nosso estudo, para poder avaliar aqueles outros tipos de simbolismos que interessam especialmente a nós, psicanalistas, exatamente de acordo com sua importância.

Nessa oportunidade, eu gostaria de me referir aos preciosos trabalhos de Silberer, sobretudo àqueles em que ele estuda o mecanismo dos sonhos que são sonhados no estágio

¹⁴ [N.T. Cf. PUTNAM, J. J. Antwort auf die Erwiderung des Herrn Dr. Ferenczi. *Imago*, v. 1, n. 5, p. 527-530, 1912].

de transição entre o sono e a vigília¹⁵. “Transição” em si mesma, porém, considerada como um verdadeiro objeto de investigação, não foi a nenhuma parte reconhecida a não ser na metafísica, e sua interpretação não foi estudada por ninguém com mais zelo do que Hegel e seus discípulos, que a trataram como um processo espiritual definitivo e típico. O mesmo se aplica à “reconciliação de estados espirituais opostos”, que nós temos de considerar continuamente em nosso trabalho. Por que, contudo, devia ser uma ofensa ao movimento psicanalítico quando propomos esclarecer o objetivo de nosso trabalho e elevar seu valor através do estudo, do modo como mencionamos? O Sr. Dr. Reik insiste em que “Até agora, nossa posição em relação à metafísica nunca foi negativa, como, aliás, supõe Putnam, mas, sim, neutra”¹⁶. Entretanto, já ofereci argumentos que defendem, com completude, que isso não é o caso nem pode sê-lo. Afinal, a uma potência neutra não se dá a liberdade de determinar suas próprias fronteiras, dando a entender senão uma exigência, ao menos um desejo de reduzir, assim, as linhas de demarcação dos vizinhos. O Sr. Dr. Reik, todavia, faz algo semelhante quando, sem qualificação, afirma: “O que impulsiona alguém a uma filosofia depende, sim, em última instância, do que ele é como pessoa”¹⁷. Essa afirmação é parcialmente verdadeira, mas é apenas parcialmente verdadeira. O Sr. Dr. Jung, por exemplo, cujas exposições são de palavras tão eminentes, também tornaria a “libido” em sentido amplo a base de todo conhecimento espiritual. Por que, porém, temos de nos deter aqui? Por que não poderíamos obter o conhecimento de que a “libido”, considerada sob esse ângulo, não é, na realidade, nada além da “*poussée vitale*” de Bergson, ou a “autorrealização” [*Selbstbetätigung*]¹⁸ de Hegel, ou outros

¹⁵ [N.T. Referência do autor aos trabalhos do filósofo vienense Herbert Silberer, então membro da Sociedade Psicanalítica de Viena. O primeiro desses trabalhos foi publicado em 1909, com o título *Notas sobre um método de produção e observação de certos fenômenos de alucinação simbólica*. Cf. SILBERER, H. Bericht über eine Methode, gewisse symbolische Halluzinations-Erscheinungen hervorzurufen und zu beobachten. *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, n. 1, p. 513-525, 1909.

¹⁶ Reik, T., Padovan, C., & Germer, G. (2022). JAMES J. PUTNAM, SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO E DAS PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS PARA O DESENVOLVIMENTO FUTURO DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO. *Eleuthería - Revista Do Curso De Filosofia Da UFMS*, vol. 7, n. 13, 289 – 294, 2022.

¹⁷ [Reik, T., Padovan, C., & Germer, G. (2022). JAMES J. PUTNAM, SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO E DAS PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS PARA O DESENVOLVIMENTO FUTURO DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO. *Eleuthería - Revista Do Curso De Filosofia Da UFMS*, vol. 7, n. 13, 289 – 294, 2022.

¹⁸ [N.T. O termo *Selbstbetätigung*, traduzido por “autorrealização”, aparece pela primeira vez na resposta de Putnam a Reik. No primeiro artigo de Putnam, publicado em inglês, encontramos a expressão *self-active energy* (p. 252 e p. 255). Cf. PUTNAM, J. J. A Plea for The Study of Philosophic Methods in Preparation for Psychoanalytic Work. *The Journal of Abnormal Psychology*, 6, pp. 249-264, 1911. Na versão alemã de seu primeiro artigo, encontramos a expressão *Selbsttätige Energie* e *Selbsttätige Kraft* (p. 104, 105, 106, 107, 108, 109) que parecem traduzir a expressão inglesa de maneira bastante literal. Cf. PUTNAM, J. J. Ueber die Bedeutung philosophischer Anschauungen und Ausbildung für die weitere Entwicklung der psychoanalytischen Bewegung. *Imago*, v. 1, n. 2, p. 101-118, 1912. Considerando a filiação desta noção ao conceito hegeliano de *Selbstbetätigung*, explícita no presente artigo, optamos por traduzir todas as demais

filósofos? Admitir isso é, com certeza, reconhecer por completo a realidade ou o domínio superior de um princípio idealista como sendo a base de toda a vida. Negá-lo, porém, significa aderir a uma doutrina que torna a atividade do espírito dependente logicamente das leis físicas, e que, no entanto, falta na explicação do sentido e da origem das leis físicas ou da atividade do espírito como o resultado delas.

Em poucas palavras, nós temos de entrar nos jardins da filosofia, o que também já fizemos. Se não podemos penetrá-lo pela porta, devemos pular a cerca, como amigos ou inimigos – tanto faz! Contudo, isso de fazer rodeios sem se ter reconhecido, de fato, o significado da filosofia é cair no mesmo erro em que sucumbem aqueles médicos que se nomeiam psiquiatras, psicólogos, psicoterapeutas etc., mas que não estudaram com exatidão a psicanálise.

Nós que nos declaramos desejosos da investigação e descoberta “da realidade”, não deveríamos nos satisfazer apenas com a realidade relativa. Não é suficientemente reconhecido que “realidade” significa, para nós, “concordância com nosso espírito”, o qual unicamente sente e julga. Contudo, realidade, neste sentido, não será expressa completamente por meio de conteúdos de experiência, como o definem as percepções sensíveis. Nossas experiências poderiam ser vistas, antes, como formas de expressão simbólica da realidade, do que como a realidade “em si”.

Para finalizar, eu acredito que se pode dizer que a confusa discussão sobre “monismo” e “dualismo” perde seu direito de existência quando considerada à luz da pesquisa filosófica. Isso, em todo caso, é um alívio e um benefício para nós.

Os trabalhos de Bergson sobre esse tema são muito interessantes e importantes, inclusive quando não são metafísicos¹⁹. Contudo, o reconhecimento da demonstração *hegeliana* (que me parece logicamente irrefutável), segundo a qual é uma característica de toda atividade do espírito que ela suceda sob uma forma subjetivo-objetiva *quase* dualista, oferece-nos, ao menos, uma base para a argumentação posterior, por meio da qual todo o problema é trazido a uma luz que pouco pode ser extraída de outras fontes.

ocorrências das expressões inglesa e alemãs por “força” ou “energia autorrealizadora”. Cf. FREITAS PINTO, W. C.; PADOVAN, C. Ibid.].

¹⁹ [N.T. Segundo Geovana Monteiro, Bergson defende uma “espécie de monismo do tempo que não exclui a variedade qualitativa de seus fluxos. Em certo sentido, teríamos o monismo apresentado desde *Matéria e memória* (1896), a partir da constatação da temporalidade na matéria, e, por fim, da interpretação da duração como dissipada em ritmos distintos em todos os níveis do real. Mas, Deleuze caracteriza esta multiplicidade de ritmos como uma espécie de ‘pluralismo quantitativo’, o que poderia, no entanto, recolocar o problema do monismo/pluralismo” (MONTEIRO, G. Um absoluto movente: considerações sobre monismo e pluralismo em Bergson. *Griot: Revista de Filosofia*, v. 18, n. 2, p. 86-99, 2018, p. 92). Esse embate entre monismo e pluralismo é abordado por Bergson sob uma nova luz em *A evolução criadora* (1907), e, também, em *Duração e simultaneidade* (1922), mas que, no entanto, é posterior ao presente artigo].

REFERÊNCIAS

PUTNAM, J. J. Psychoanalyse und Philosophie. Eine Erwiderung auf die Kritik von Dr. Otto Reik. *Zentralblatt für Psychoanalyse und Psychotherapie*, v. 3, n. 6-7, p. 265-269, 1913.

